



UVEÍTE ASSOCIADA A CASOS DE LEISHMANIOSE VISCERAL CANINA

Amanda Vitória da Cunha^{1*}, Michelle Gouvêa Gomes².

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: amandacunhavet@gmail.com

²Médica Veterinária - Clínica Veterinária Bichos Gerais - Belo Horizonte/MG - Brasil

INTRODUÇÃO

A uveíte é caracterizada pela inflamação de íris, corpo ciliar e/ou coróide, estruturas denominadas em conjunto por úvea¹, afecção geralmente associada a sinais clínicos inflamatórios, como: dor, miose, congestão de vasos, escurecimento da íris, edema corneano, hiperemia conjuntival, diminuição de pressão intraocular, entre outros². Casos de infecções parasitárias sistêmicas são frequentemente associados a casos de uveíte bilateral, sobretudo em situações em que há deposição de imunocomplexos no local ou a presença do parasita. Por este motivo, infecções por *Leishmania* sp. estão comumente associadas a afecções oculares³, sendo estas adquiridas por meio da picada do vetor flebotomíneo do gênero *Lutzomyia*, o qual carrega a forma promastigota do parasita⁴. O objetivo dessa investigação é correlacionar a presença de uveíte em animais positivos para Leishmaniose, além de entender como o tratamento e o prognóstico da afecção ocular estão relacionados ao controle da parasitose.

METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão bibliográfica acerca de acometimento ocular pela infecção por Leishmaniose Visceral Canina. A literatura utilizada para a realização do trabalho foi obtida por meio de pesquisa em plataformas digitais, de setembro a outubro de 2023, abordando as pesquisas mais relevantes entre 1996 e 2023. Foram utilizados os seguintes meios digitais: Plataforma Capes, Google Acadêmico e Scielo. Para a escrita do resumo de tema, o objetivo foi organizar informações sobre o parasita, a afecção ocular e como ocorre a relação de causa e efeito entre as duas situações. As pesquisas foram realizadas por meio dos seguintes temas/palavras-chaves: uveíte canina, leishmaniose visceral canina, uveíte canina associada à infecção parasitária.

RESUMO DE TEMA

A uveíte bilateral pode ser associada a infecções sistêmicas, por exemplo, a LVC. A afecção ocular apresenta sintomatologia clínica inflamatória característica, acometendo estruturas denominadas íris, corpo ciliar e/ou coróide. Após a realização do exame oftalmológico completo, os seguintes aspectos são comumente relatados: hiperemia conjuntival, congestão dos vasos episclerais, edema da córnea, descolamento de retina, inflamação vítrea e diminuição da pressão intraocular⁵ (Fig. 1). Por sua vez, a LVC apresenta sintomas diversos a depender do estado e resposta imunológica de cada animal e da cepa do parasita carregada pelo vetor. Assim, a atuação dos protozoários começa com breve inflamação no local da inoculação e atingimento do sistema linfático⁶. Com a dificuldade dos animais em formular uma resposta imune adequada, migram por meio desse sistema para outros órgãos, um dos principais motivos da infecção possuir um quadro clínico amplamente diverso entre os acometidos, podendo apresentar sintomas dermatológicos, renais, hepáticos, oculares, etc.⁶ Nos casos em que há acometimento ocular pela LVC, as causas são ligadas a três pontos principais: presença do parasita livre, em sua forma intracelular ou deposição de imunocomplexos⁷.



Figura 01: globo ocular de canino da raça *poodle* apresentando uveíte. (Fonte: AZEVEDO, 2017.)

Em alguns trabalhos, relata-se que em cães com sintomatologia ocular, especialmente uveítes, ao ser coletado o humor aquoso, detecta-se a existência de grande quantidade de imunocomplexos com predominância de anticorpos do tipo IgG, além de presença das formas amastigotas intracelulares ou livres^{8,10}. Isso apresenta associação com uma inflamação intensa na barreira entre o sangue e o humor aquoso, possibilitando concluir que tal processo poderia ter como origem a presença dos anticorpos, a presença do parasita em si ou a combinação dos dois fatores⁸. O tratamento da uveíte está intimamente ligado ao tratamento para a Leishmaniose, definido conforme o quadro do animal, possibilitando o uso de três classes de medicações: leishmanioestático, leishmanicida e imunomodulador. É previsto no Brasil a utilização de três medicamentos, de acordo com o estadiamento da doença, preconizado pelo Brasileish⁹: Alopurinol, Miltefosina e Domperidona, possibilitando a diminuição da carga parasitária e da sintomatologia do animal¹⁰. Sabe-se que as afecções oculares possuem uma patogenia complexa e respondem de forma singular às terapias medicamentosas¹¹, preconizando o uso de corticosteroides de forma sistêmica ou tópica² associados ao tratamento da LVC.

A partir do diagnóstico de ambas as enfermidades, o prognóstico do animal deve ser reservado devido à dificuldade de estabilização mútua: a Leishmaniose deve, inicialmente, ser estabilizada para que o tratamento da uveíte seja mais assertivo². A progressão ou regressão da afecção ocular associam-se ao tempo decorrido entre o surgimento da sintomatologia e o início da terapia medicamentosa, quando não tratada, o progresso das afecções pode acarretar na perda total da visão do animal².

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A associação entre a LVC e a uveíte é comum e representa importante cenário na rotina da clínica veterinária, além de ser extremamente desafiador o controle e tratamento das manifestações, seja de forma individual ou conjunta. Estudos sobre a estabilidade da LVC em cães portadores da uveíte se mostram cada vez mais necessários para prevenir a progressão da doença e perda total de visão do animal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. KÖNIG, H. E.; LIEBICH, H. G. Anatomia dos animais domésticos. Texto e atlas colorido. 4a ed, Porto Alegre: Artmed, 201.
2. AZEVEDO, Mariane Gallicchio. Uveíte em cães: revisão bibliográfica. 2017.
3. MORIBAYASHI, Michelly Ayumi Iwamoto. Avaliação ocular de cães com leishmaniose visceral canina: relato de 11 casos. 2019. xii, 20 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Medicina Veterinária)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
4. SCHIMMING, Bruno Cesar et al. Leishmaniose visceral canina: revisão de literatura. Revista científica eletrônica de medicina veterinária, p. 1-17, 2012.
5. GOUVEIA, Ana Cristina Araújo. Etiologia das uveítes em cães: estudo retrospectivo de 105 casos clínicos na região de Lisboa. 2023. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa, Faculdade de Medicina Veterinária.
6. SILVA, Francinaldo S. Patologia e patogênese da leishmaniose visceral canina. R Trop Ci Agr Biol, v. 1, n. 1, p. 20-31, 2007.
7. PONTES, Kelly Cristine De Sousa; VIANA, José Antônio; DUARTE, Tatiana Schmitz. Etiopatogenia da uveíte associada a doenças infecciosas em pequenos animais. revista Ceres, v. 53, n. 309, p. 618-626, 2006.
8. GARCIA-ALONSO, M. et al. Immunopathology of the uveitis in canine leishmaniasis. Parasite immunology, v. 18, n. 12, p. 617-623, 1996.
9. DIRETRIZES para o diagnóstico, estadiamento, tratamento e prevenção da leishmaniose canina. BRASILEISH: grupo de estudo em leishmaniose animal. 2018. Disponível em:



XII Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente

https://www.brasileish.com.br/_files/ugd/3079c5_917ad5b903ef49cb9eb2502929e88b20.pdf. Acesso em: 18 out. 2023.

10. ARAÚJO, Glenda Carolina Feiler. Leishmaniose visceral canina associada a uveíte no município de Belém, PA-Relato de caso. 2022.
11. DI PIETRO, Simona et al. Prevalence, type, and prognosis of ocular lesions in shelter and owned-client dogs naturally infected by *Leishmania infantum*. *Veterinary World*, v. 9, n. 6, p. 633, 2016.